REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 725

20 DE FEVEREIRO DE 1899

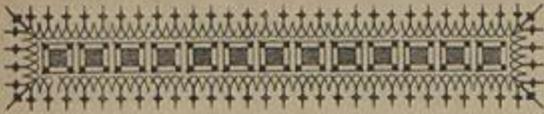
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

FELIX FAURE

FALLECIDO EM PARIS, NO DIA 16 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Sujo, estropiado, cheio de masellas, cheirando a podre, baixou el-rei Carnaval á sepultura.

Andava doente, ha muito, e ainda com restos de vida, se acaso alguma vez soube ler, poude deitar o olho de bebado choroso para muito necrologio, que, por adeantar trabalho, lhe foram fazendo na agonia.

Os bichos tomaram conta d'elle, mas nem por isso ha de descançar em paz.

D'esta vez, além da litteratura com manhas de gato pingado, rezaram-lhe o necrologio valentes bategas d'agua, relampagos e trovões. Meia duzia de tiros de peça, pedindo soccorro e dados por navios fundeados no Tejo, trouxeram uma nota séria, tragica, ao ultimo estrabuxar do velhote vicioso, enlameado, encharcado, ganindo no temporal.

O domingo com umas horas de pouco sol, mal deixou que as danças e cegadas percorressem parte da cidade; segunda feira esteve um dia agreste; terça de verdadeira tempestade. As ruas, cheias de lama e do lixo atirado á bruta das janellas, puzeram-se intransitaveis.

As noites melhores que os dias permittiram, entretanto, que os theatros se enchessem.

A peça de Marcellino Mesquita, *Secias e Peraltas*, que pela primeira vez se representou em sabbado gordo, deu boas casas ao theatro de D. Maria.

Os outros theatros tiveram enchentes tambem e foram frequentadissimos os bailes das salas de D. Amelia e da Trindade.

Mas triste é dizer o que só cabe n'um necrologio. O entrudo morre de anemia de espirito.

Ninguem o procure n'um baile publico, ninguem lá procure sequer um vestigio de alegria, a não ser que esta seja synonimo de berros, troças, grosserias, aguardente.

Festas algumas houve e boas, e de muitos bailes particulares se ficou falando. Muitas sociedades abriram as suas salas e foram magnificos os saráus dados pelo Club de Lisboa, ao Calvario.

Foi magnifico o baile em casa da Sr.ª Condessa de Penha Longa, onde muitas senhoras se apresentaram magnificamente mascaradas. No palacio esplendido de Buenos-Ayres juntou-se, segunda feira gorda, o que em Lisboa ha de mais conhecido na sociedade.

Alegremente se passaram tambem as noites de entrudo em casa dos srs. Condes de Tarouca, general Campos e Polycarpo Anjos.

Bello remate a essas festas da alta sociedade pôz a sr.ª Marqueza de Castello Melhor, que, no seu palacio da Rosa, abriu as suas magnificas salas antigas, das mais bellas de Lisboa, á mais distincta sociedade.

Isso valeu para que a nota tristissima do temporal, que no ultimo dia de entrudo entenebreceu a cidade, se apagasse e desse na lembrança logar á saudade d'uma festa esplendida.

A chuva torrencial que, durante muitas horas, alagou as ruas e as tornou desertas, fez com que alguns contos de réis deixassem de girar, entristecendo os que deixaram de ganhal-os e, talvez mais ainda, os que gastal-os não puderam. As nuvens haviam de tel-as ouvido bonitas, se as vozes lá chegassem.

O carnaval já lá vai e, por todas essas ruas, por esses cafés, por esses bailes publicos, não cremos que deixasse um dito que se conte, uma historia que faça sorrir. Não deslisou sereno, mas, em compensação, decorreu semsabor.

É certo que o outro entrudo, o tal de todos os dias, costuma ser muito mais divertido, mais cheio de surprezas, de intrigas, de mascaras que se approximam muito mais da perfeição.

Chegam por vezes a desnortear a gente, tamanha é a variedade dos enganos, tão perfeita a caracterisação, tão naturaes as maneiras, tão facil o andar no tablado em que figuram.

Nem o Taborda lhes leva a palma em naturalidade de modos e dicção.

E não cuidem que todos fingem ser mais do que são na vida, porque seria facil, feita uma tabella, reduzil-os, por calculo simples, ás devidas proporções. Uns, os balôfos, fingem effectivamente ser muito mais do que valem, mas ha tambem os modestos, cujo alto, proprio valor occultam, propositadamente, para fins diversos.

Os balôfos são muitos:

Um homem grave, vergado sob o peso d'um problema, vae profundamente pensando na resolução da equação. Seu andar compassado atrahe as attenções. — Aquella secretaria mata-me! — É um amanuense.

O outro prega discursos em que expõe as suas theorias sociaes. Todo elle é pelo povo! Tartufo vae abandonando as egrejas e elle empresta a seis por cento ao mez.

D'esses ha muitos. Os modestos são mais raros; mas tambem os ha. Mascarados para menos.

Ainda ha dias n'um artigo um d'elles expunha sciencia varia sôbre a bota cambada, que diz ser o mais relles, e o *boudoir rose*, que diz ser o mais fino. Pelo relles e pelo fino todos o julgariam um sapateiro. É um critico d'arte.

Para estes é que nunca chega a quaresma, o tempo da penitencia e do descanço, visto que o peccar tambem fatiga.

A devota que sahiu da egreja na quarta feira de manhã, meditando no que o padre lhe disse ao pôr lhe na testa as cinzas symbolicas, encontrou talvez, entre dois policias, arrastado e cambaleante, o ultimo *chéché*, atrasado n'um baile divertido. E no olhinho vermelho do velho de entrudo luziu talvez, por um momento, entre os nevoeiros do alcool, a grande verdade.

Um dia um rapaz, que tinha bebido algumas pesadas gotas a mais, cahiu do americano abaixo. Acudiram lhe uns amigos e levaram-o desmaiado, em braços, para a botica. Sacudiram-o, perguntando-lhe: — «Doe-te alguma coisa?» Cuidaram que elle teria ao menos uma costella partida. Era uma afflicção. Deram-lhe ammoniaco. — «Responde. Doe-te alguma coisa?» Elle então abriu os olhos. — «Doe-me a consciencia!»

Homem feliz, que ainda a tinha!

É que sem ella não ha penitencia possivel e todos temos muito que interrogal-a, agora que entrámos em tempo proprio das confissões e do *mea culpa*.

Mea? Não é assim que muitos dizem, não é assim, pelo menos, que muitos o pensam.

Culpa d'elle! Culpa d'elle!

A culpa tem sempre que ser d'um outro, ainda que seja absurdo. O outro foi quem começou, a culpa nunca é d um só.

É a beata, quando se confessa, tem mais que dizer das outras que de si mesma.

E é sempre uma boa defeza.

Uma historia velha, authentica, muito falada em seus tempos, foi a d'aquelle cão que n'um mercado se atirou a um coelho, lhe deitou os dentes ao pescoço e o estrangulou n'um momento. Grande descompostura da mulher, que exigia um dinheirão, grande apoquentação do dono do cachorro, que não tinha com que pagar. Passava um garoto; chega-se ao homem e diz-lhe baixo: — «Se o sr. quer, eu digo que foi o coelho quem començou!»

E se o garoto dissesse que a culpa era só do coelho, havia de haver quem acreditasse.

Ha annos um condemnado á guilhotina disse, ultimas palavras ao povo: — «Não confessem nunca!»

A recommendação vinha d'alto, mas quem ha que n'este mundo se confesse culpado, sinceramente, d'um crime ou sequer d'uma tolice?

Mais vale esquecer, e, como os varredores municipaes já levaram adeante das vassoiras os tremoços, a areia das cocottes, os restos das serpentinas, a serradura, a lama das bisnagas, os farrapos dos dominós, passemos uma esponja sobre mais esse carnaval e mandemol-o da memoria para o lixo, d'onde mais valêra nunca ter sahido. Foi bom filho, teve essa unica qualidade, e para casa tornou.

Com tanto maior prazer o abandonamos á triste sorte, quanto é certo que tarde piámos a seu respeito. Mais valeria ainda assim talvez nunca do que tarde. Peccámos. Venha a esponja.

N'outros assumptos mais vale tarde do que nunca, e por isso tarde tambem vimos falar do grande exito d'um livro já de todos conhecido, de todos falado, por muitos a esta hora já lido e relido, agora em volume, depois do grande exito que obteve quando publicado pelo *Seculo* em folhetins.

Tarde vimos para tratar d'elle, mas não é elle uma novidade que trazemos aos leitores. Não podemos deixar de falar do *Guerreiro e Monge* de Antonio de Campos Junior, não só porque o romance é dos melhores livros que devem ser lidos por nós, portuguezes, mas tambem porque é dever nosso prestar preito ao escriptor de tão bello talento, cuja alma, cheia de purissimo amor da patria, tem sabido, como a de bem poucos entre nós, fazer vibrar as nossas almas.

Antonio de Campos não é para nós uma gloria sómente, é mais do que isso, é honra nossa. Que a sua modestia nos perdoe.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

FELIX FAURE

Foi uma completa surpresa a noticia da morte do presidente da Republica de França, que os jornaes deram a publico no dia 17 de manhã. Não havia noticia de que Felix Faure estivesse doente; a morte foi repentina. Uma apoplexia atacara-o ás 6 horas da tarde do dia 16 e ás 10 o presidente da republica franceza exalava o ultimo suspiro.

A estima geral de que desfructava Felix Faure, faria em qualquer occasião sentir a sua morte como a de um bom e honrado homem, amante da sua patria pela qual combatera, sem paixão nem odics, e só pela ordem e bem estar da França; mas no momento actual, esta morte é tanto mais sentida quanto é melindrosa a situação politica d'aquelle paiz, onde refervem as paixões e onde parece eminente uma mudança de regimen.

Não é estranho, talvez, a essa mudança o debatido processo Dreyfus, que ha mezes tem trazido excitados os espiritos em França e descontentado profundamente o exercito francez.

É por isto que a morte do presidente Faure, no actual momento historico, tem uma dupla e extraordinaria importancia

Felix Faure succedeu na presidencia da republica, a Casimiro Perier, em 17 de janeiro de 1895.

Foi bastante desputado o acto eleitoral então.

Eram tres os candidatos á presidencia, Brisson, Waldeck Rouneaw e Felix Faure, que parecia ter menos probabilidades de exito.

Entretanto o resultado final da eleição foi favoravel a Feliz Faure o que não deixou de causar certa surpresa.

É que Felix Faure reunia qualidades de primeira ordem para desempenhar o alto cargo de primeiro magistrado de um paiz, pela insenção e honradez do seu caracter, pelo patriotismo de que dera irrecusaveis provas, pelo senso pratico do seu espirito sereno e desapaixonado, pondo acima de tudo os interesses da sua patria.

E foi assim que o filho do negociante do Havre se viu elevado ao primeiro cargo da Republica e conquistou as sympathias geraes da França e da Europa, nos quatro annos do seu governo.

Felix Faure nasceu em Paris a 31 de janeiro de 1841. Filho de um rico negociante do Havre, seguiu como elle a carreira commercial e aprendeu o officio de surrador de pelles.

Conservou-se por muitos annos fóra da politica, entregue ás occupações commerciaes de sua casa, tendo-se feito armador de navios, no que trafegou largamente.

Em 1871 Felix Faure era presidente da Camara do Commercio do Havre, quando se organisou um batalhão nacional de que elle assumiu o commando, indo em soccorro de Paris que se debatia entre a invasão das tropas allemãs e os excessos da communa.

Depois d'esta epoca Felix Faure dedicou-se mais ao estudo e publicou um livro: *Le Havre en 1878*, que chamou largamente a attenção publica.

Em 1881 foi eleito deputado pelo Havre. No parlamento conservou sempre independencia de caracter e votou pelo restabelecimento do divorcio, contra a expulsão dos principes de França e revisão da constituição de 1888. Tambem votou contra a retribuição dos cargos municipaes e contra a eleição dos senadores pelo sufragio universal. Votou pela eleição dos deputados por escrutinio de lista e pelo restabelecimento das medidas proteccionistas.

A sua attitude no parlamento deu-lhe grande auctoridade moral.

Desde 1881 a 1887 exerceu as funcções de subsecretario de Estado das colonias, servindo com os governos de Gambetta, de Jules Ferry, de Brisson e de Tirard.

Foi ministro da marinha, no gabinete Dupuy e os serviços que prestou á armada mereceram geraes louvores.

Eleito presidente da Republica, manteu-se sempre á altura do seu cargo, affirmando o grande amor que dedicava á França, para a qual procurou todo o bem estar possivel atravez as paixões e exaltação dos partidos.

A alliança com a Russia é dos factos mais notaveis do seu governo.

Logo que Felix Faure morreu o presidente do Senado convocou as duas camaras a reunir em

Versalles para eleger o novo presidente da republica.

A eleição recahiu no sr. Loubet, por 483 votos contra 270 que obteve o sr. Meline.

Em outro numero nos occuparemos do novo presidente da republica e publicaremos seu retrato.

O TEMPORAL, — AS CHEIAS NO TEJO

Com o mez de fevereiro principiaram os temporaes d'este inverno, e tão grandes elles tem sido, que de todos os pontos do paiz vieram noticias de grandes estragos e cheias produzidas pelas chuvas.

Em o norte do paiz e muito principalmente no Porto e Espinho, as inundações e desabamentos succederam-se durante os primeiros dias d'este mez. Desabou um predio na rua de S. Victor; as chuvas innundaram tres predios na rua da Paz. O edificio da fabrica União Fabril Portuense foi invadido pelas aguas, assim como uns predios do sitio da Arca da Agua e da rua do Visconde de Setubal.

Entre a Granja e Espinho a via ferrea foi destruida pela cheia, interrompendo-se o serviço até ser reparada a linha; o mesmo aconteceu na linha de carros americanos entre o Porto e a Foz, no sitio denominado Pinheiro Manso.

Em Espinho não ha memoria de chuvas tão torrenciaes, que em poucas horas innundaram a povoação e destruiram parte da ponte, levando deante de si pilares de pedra e atterros da linha ferrea.

Parte da comitiva do sr. infante D. Affonso, que ia para e Porto, ficou detida em Espinho por não poder seguir. Calcula-se em mais de dois mil metros cubicos o volume das terras arrastadas pela corrente.

O porto de Leixões tambem soffreu grandes estragos com os temporaes, estragos que demandam prompta reparação para evitar maiores ruinas.

Os campos do Mondego tambem foram innundados e as povoações proximas soffreram grandes estragos.

Mas onde as chuvas produziram maiores cheias, foi no Tejo, n'este pequeno Oceano, que no inverno se transforma em mar temivel, sempre que o vento sudoeste sopra impetuoso.

Todas as povoações que assentam nas margens do caudaloso rio soffreram estragos do temporal. Azambuja, Rodam, Vallada, Alhandra, Villa Franca, Gollegã, Santarem e outras foram mais ou menos inundadas, attingindo a inundação maiores proporções na Ribeira de Santarem e nos Campos da Gollegã.

D'estas duas ultimas damos em gravura o aspecto das innundações que chegaram a meia altura das arvores, parecendo estas plantas acquaticas florescendo d'entre as aguas á similhança das florestas do Solimões e Amazonas.

Felizmente parece ter passado a tempestade depois do dia de Entrudo em que o mau tempo attingio o maior grau.

O PÃO DO POBRE

Um pedaço de pão, um só motrete, como diziam os nossos antigos! E elles são tantos, quatro nem menos, e a irmã mais velha tem de acudir a todos! A divisão ha de ser bem feita, uma fatia bem egual a cada um.

O pão, o premio da lucta! Aquelle pedaço que tão depressa ha de desapparecer nos ventresinhos esfaimados, que, antes de engolido, já foi devorado pelos olhos das criancitas, representa horas e horas de trabalho, ás chuvas, se é de inverno, á torreira do sol, durante os dias interminaveis de junho.

Foi o premio, foi a recompensa. O fim de tanto labutar é o pão de cada dia, o pão bemdito, a alegria do lar. Onde elle falta, entram as lagrimas; onde elle sobeja, gorgeiam as criancinhas como os pintasilgos nas oliveiras.

O pão é um symbolo; é uma das lindas palavras do Padre-Nosso. E é por isso uma palavra santa.

Vá, rapazes. O pão que hoje comeis ha de vos dar forças para, um dia tambem, ganhardes o pão dos vossos filhos.

PORTA DO PAÇO DE SUB-RIPAS

Sobre esta casa, que se encontra em Coimbra e de que reproduzimos em gravura, a pag. 1 d'este volume, a vista da porta principal, diremos agora o que se tem apurado de verdade.

Segundo a tradição popular o Paço de Sub-Ripas fôra o theatro de horrivel tragedia. Ali assassinara o infante D. João sua mulher D. Maria Telles, irmã da rainha D. Leonor.

Este tragico acontecimento, que impressionou profundamente o povo, vem descripto modernamente, no capitulo II do livro intitulado *A Monja de Cister*, do sr. Antonio Francisco Barata, archeologo e investigador da historia portugueza.

Pagina negra é a que se vae lêr, que só por si basta para dar ideia do caracter de D. Leonor Telles, a depravada rainha que por desgraça d'estes reinos partilhou do throno de seu marido, o rei D Fernando I.

. . . .

«D. Leonor Telles subira ao throno dos reis de Portugal, donde provinha em adynamisado sangue, a darmos credito ao que se lê em genealogias. Cegára-a a ambição de ser rainha, e a de mandar, e a de elevar sua parentella, quanto podesse.

«Vimos já como ella ascendera ao solio, e ora veremos como sua irmã, D. Maria Telles, mulher que fôra ou era casada tambem, e como ella mãe de um filho, do mesmo sentimento se deixou dominar. Era o meio da côrte a exercer o seu natural influxo.

«Casada fôra ella com Alvaro Dias de Sousa, fidalgo portuguez de grandes rendas, que se homisiára do reino em tempo de D. Pedro I, temendo o *cruel rei*, que suspeitára, se não tinha certesa, de que o fidalgo conversava uma dona, que o era do monarcha.

«Tinha já um filho, Lopo Dias, a quem fôra dado o Mestrado de Christo, que ella administrava. Grande casa havia de donas, donzellas e officiaes, como quem era

«Ainda moça, formosa e gentil, sobre generosa de condição, mulher era ella para dar nas vistas d'homens. Viu-a o infante D. João, filho de Ignez de Castro, e della se enamorou apaixonadamente. Soube-o D. Maria; e, como fizera a irmã, fez-se rogada, difficultou-se ao infante, como aquella ao rei, e noticiou-lhe que perdia seu tempo se com ella não casasse.

«Vencido o infante do amor e difficuldades, que lhe creára D. Maria, e ponderando que o seu proceder, se casasse com ella, o mesmo seria que tivera o rei para com D. Leonor, resolveu casar com a mulher alheia, dado que o marido expatriado vivesse ainda, com expressa condição de que se conservasse occulto esse acto até que conviesse tornal-o publico.

«E assim, occulto estando o Matrimonio, nasceu um filho a D. Maria Telles, que mais tarde veio a ser D. Fernando d'Eça.

«Não se podéra occultar á rainha este casamento da irmã, que disso foi grandemente desgostosa.

«Era que o infante, por seu valor pessoal e boas partes, muito estimado e querido era do reino, tanto como sua irmã por virtudes e bondosa condição. Receiava a rainha ambiciosa que se tramasse contra ella, desamada do povo, alguma cousa que viesse, de futuro, a depol-a a ella de rainha para ser substituida da irmã, e D. Fernando do infante.

«Doentio se fizera o rei, por forma que não promettia larga duração, e este facto maior convicção dava ás suspeitas do seu receiar.

«Precisava, pois, empregar meio energico e decidido que obstasse a tamanho mal.

«Fingindo ignorar o casamento de D. Maria, Leonor Telles conluiou-se com o irmão, D. João Affonso Tello, para que este fizesse saber ao infante como do agrado da rainha seria o casamento delle com a infanta D. Beatriz, sua filha, visto que a Deus não aprouve dar-lhe um filho varão, que herdasse o reino, devendo ser elle esse herdeiro.

«Seductora era a lembrança, que lhe levára o irmão da rainha ao infante D. João, e tanto que para logo começou a não pensar n'outra cousa se não no modo como deveria desquitar-se de D. Maria, para se casar com a infanta herdeira do reino de seus maiores.

«Folgára infinitamente D. Leonor Telles com a certeza de que D. João acceitára a lembrança e seu tornára o pensamento que lhe levára o conde D. João; mas, faltava alguma cousa mais; não bastava o querer elle, era preciso o poder fazel-o.

«Sob flôres de sorrisos e de amigas fallas ao infante D. João, D. Leonor Telles era a vibora que nellas se escondia e se preparava para morder certeira.

«Narram chronicas que ella fizera chamar ao veador do infante, Diogo Affonso de Figueiredo, o commendador de Elvas, Garcia Affonso do Sobrado, e que, na reunião havida em sua presença, levára ao irmão a levantar a D. Maria o falso testemunho de que ella trahia ao infante, e que, por isso, elle a podia matar com razão.

«Era o golpe de misericordia aquella calumnia infamissima, era sentença de morte lavrada pela perfidia da rainha contra a innocente irmã, D. Maria.

«Lá vae caminho de Coimbra o filho de D. Ignez de Castro para assassinar a mulher. Lá vae sobre aquella formosa cidade para repetir a tragedia de sua mãe um filho da assassinada, aquella *creancinha* a quem os saiões d'Affonso IV *não tiveram respeito*, como chorou Camões no episodio da morte de D. Ignez de Castro.

«Não se determina, com rigor historico, o local da habitação em Coimbra de D. Maria Telles. Ou fôsse em Sobripas ou fôsse junto á ponte, é certo que o infante ali chegou um dia cedo, acompanhado de seus homens d'armas, a cavallo todos.

«Abrira-se a porta, por sair uma servidoura da casa, e o infante sem, por isto, ter de bater e de dar signal de sua chegada, subiu com os seus.

«Fechada achou elle a porta, que dava para uma torre, onde D. Maria repousava ainda. Arrombada, investiu por ella irado e ambicioso; e ao chegar á antecamara da esposa achou as camareiras e ama do filho, acordadas ao arrombamento, transidas de pavor nos leitos, em que estavam.

«Saltára do seu assustada, e temerosa de tão estranha alvorada, a pobre D. Maria, mal tendo tempo de se envolver na colcha da cama, e mal podendo ter-se de pé, animou-se em perguntar:

«— Que vinda é esta vossa tão desacostumada?

«— Sabel-o-heis agora: vós andastes dizendo que minha mulher ereis, e me exemplastes per que el-rei o veio a saber, e pozestes em risco de perder a vida; pois se minha mulher sois, a morte mereceis, por me fazeres adulterio.

«— Mal aconselhado vindes, e Deus perdoe a quem taes conselhos vos deu: entrae nesta camara que melhor conselho vos mostrarei.

«— Para rasoar nom vim comvosco, lhe respondeu o infante; e, puxando rijamente pela colcha, que a cobria, deu com ella no chão, ficando na queda quasi toda nua, com dor dos que o acompanhavam, que desviaram as vistas de tal scena de brutalidade.

«E, sem mais palavras serem ditas, lhe cravou no coração um bulhão, que lhe dera em tempo D. Leonor Telles, e, seguidamente, no baixo ventre.

«— Acurre me, Virgem Maria! exclamou, expirante, a innocente dama, rendendo a vida e alma a Deus, em golfadas de sangue...

«— Concluida aquella façanha de cavalleiro denodado, o infante desceu, montou a cavallo como os seus, e se foi ponte adiante, á brida larga, que só afrouxou em S. Paio, a seis leguas d'ali, onde esperou aos seus companheiros; que não poderam acompanhal-o mais do que seis.

«Quem lhe attentasse no rosto, alumeado pelos raios do sol nascente, nelle veria estampada uma pallidez mortal, e quem lhe podesse ver o coração, ver-lhe-hia apertado em convulsões dolloridas de pavor, de remorsos, de vergonha de si.

«Fugia, por isto, que fuga era aquella marcha vertiginosa.

«Veja o leitor o que para ahi fica de repugnante! repugnante a auctora da tragedia, D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, repugnantes os conselheiros, repugnantissimo o senhor infante D. João!

«Que tempos aquelles!

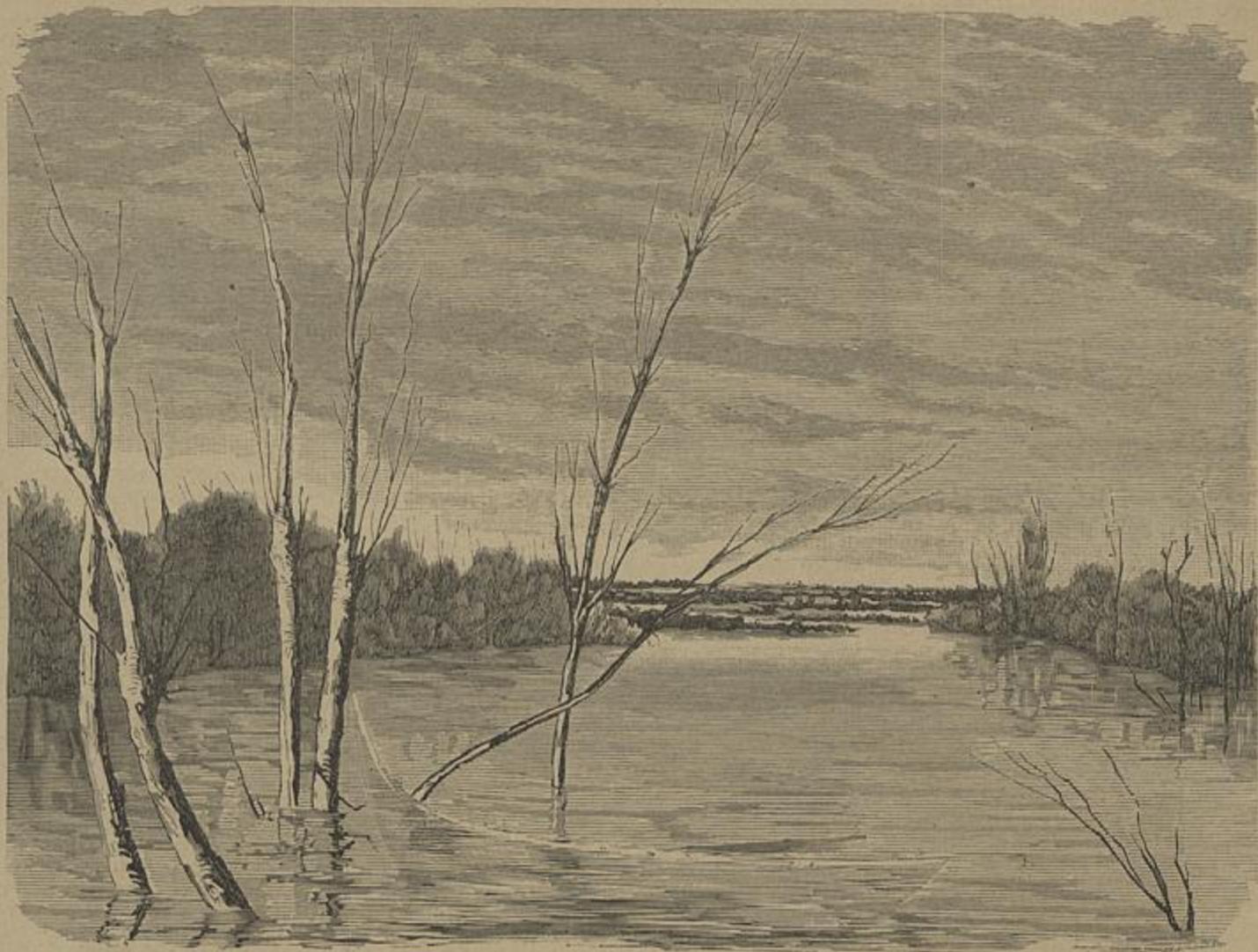
«E lá ficou em Coimbra o cadaver d'uma formosa mulher, que tão innocente era que não fez caso nem dos avisos da côrte, nem dos do filho, D. Lopo Dias de Sousa, que de Thomar lhe expedira um proprio a prevenil-a das intenções damnadas do infante.

«Obedecera á consciencia, como se ella houvera força de desarmar assassinos... Pobre mulher!

«D. Leonor Telles, a urdidora da tragedia, folgou intimamente com a nova da morte da irmã, e cobriu-se de dó exteriormente, até no rosto accintemente entristecido.

«Retrahido o infante a Riba Coa, perto do extremo do reino, d'ali mandou pedir perdão do seu crime ao rei, que lho perdoou, pelo que voltou á côrte, acompanhado de cento e cincoenta de cavallo.

«Nem o rei nem a rainha lhe fallaram em cousa alguma, que podesse lembrar, ao menos, o casamento com que lhe acenaram.

O TEMPORAL — AS CHEIAS NO TEJO

NA RIBEIRA DE SANTAREM

NOS CAMPOS DA GOLLEGÃ

«E como não seria assim se Leonor Telles já conseguira parte de seus fins, qual o de não poder ser rei de Portugal o infante D. João e rainha a irmã? Para que ella o fôsse até á morte preciso lhe era que a filha casasse em Castella: era a segunda parte do seu *desideratum*.

«Frustrado seu plano de ascensão, o infante saiu da côrte para Entre Douro e Minho, e por ali viveu vida de remorsos, de tristezas, de arrependimentos, até que soubera como o Mestre de Christo e o conde D. Gonçalo iam buscal-o para vingar a morte de D. Maria, mãe de um e irmã de outro, com seis homens de companhia se passou a toda a pressa a Castella uma certa noute, indo parar a S. Felix dos Gallegos, onde estava sua irmã, D. Beatriz. E não mais voltou; que D. Henrique de Castella o mandára ir á côrte, e o casou com sua filha D. Constança, dando-lhe meios para ambos viverem á lei da nobresa.

«Excellente marido ficára sendo o de D. Constança...

«Assim se desfez aquelle sonho de realesa do podéra ter-se dado n'aquelle local, o tragico acontecimento, em casa que ali existisse antes da posterior construcção.

Tem sido muito debatido este ponto historico, entretanto a tradicção popular, de que a actual casa de Sub-Ripas, era a casa de D. Maria Telles, continua arreigada no espirito do povo.

Vejamos ainda o que sobre o assumpto diz um artigo do fallecido archeologo e professor da Universidade Dr. Augusto Filippe Simões:

«Andava em tradição que aos templarios pertencera a velha casa edificada sobre a muralha na rua de Sub-Ripas, e que ahi fôra assassinada D. Maria Telles por seu marido, o infante D. João.

«A ordem dos templarios extinguiu-se no reinado de D. Diniz. Nem por esse tempo, nem ainda depois, no reinado de D. Fernando, cunhado de D. Maria Telles, as obras de defeza da cidade estavam tão abandonadas, ou eram de tal sorte desnecessarias, que sobre ellas permittissem edificações que as tornassem incapazes de servir ao fim para que tinham sido feitas, e para o qual, durante a edade-media, eram de continuo reparadas e accrescentadas.

«Por outra parte, não apparecem memorias de ter havido em Coimbra casa de templarios. E, tendo o infante vindo de noite com um bando armado para assassinar sua mulher, tambem não é crivel que lhe franqueassem as portas da cidade que sómente de dia permaneciam abertas.

«A chronica de Fernão Lopes refere o caso por miudo no arrabalde da cidade, não longe da egreja de S. Bartholomeu. Não vemos razões nenhumas para rejeitar esta versão a todos os respeitos admissivel.

«D'onde se deprehende que nem foi dos templarios nem serviu de theatro ao crime do infante D. João a casa da rua de Sub-Ripas.

«Em 1514 o licenciado João Vaz, proprietario de uns pardieiros situados defronte de uma torre que hoje faz parte da casa onde falsamente se diz ter sido assassinada D. Maria Telles, requeria á camara de Coimbra que lhe ratificasse o contracto de doação, que lhe fizeram Bastião Gonçalves e sua mulher Catherina Annes e sua mãe Catherina Fernandes, d'aquella torre sobre a riba da cidade com seu lanço de muralha, tudo em frente dos seus pardieiros. Requeria mais o licenciado que licença lhe fosse dada para construir um balcão ou passadiço, atravessando a rua para ligar os mesmos pardieiros com a propriedade que de novo adquirira.

«A camara, posto que não sem difficuldade, concedeu a licença pedida. E hoje vêmos ainda no cimo da rua de Sub-Ripas a casa com a torre que fôra de Bastião Gonçalves, ligada pelo passadiço á casa em que se transformaram os pardieiros do licenciado João Vaz.

«Designaram se com muita claresa na escriptura de doação da torre as suas confrontações. Partia do norte com a torre do prior do Ameal, que é a que ainda hoje subsiste, transformada em casa de habitação, junto da porta do Collegio Novo; do lado do sul com casas do sr. D. Filippe; da parte do poente com a barbacã da cidade; do nascente com a rua publica e com os pardieiros do licenciado.

«Em outubro de 1871 publicaram-se no *Conimbricense* os documentos, d'onde extrahimos todas estas indicações. Longe de Coimbra, lemos a interessante discussão que esses documentos suscitaram e que deixou plenamente provado que D. Maria Telles não fôra assassinada na rua de Sub-Ripas. Querendo, porém, interpretar as confrontações referidas, aventámos que, se a torre doada por Bastião Gonçalves a João Vaz estivesse da parte de cima da casa, e de fórma que mostrasse poder ter sido outr'ora um predio separado, a do sr. D. Filippe não seria outra senão a mesma que andava attribuida aos templarios e aonde se referia o assassinato de D. Maria Telles.

«Vindo, porém, depois a Coimbra, conhecemos que faltava á nossa hypothese o presupposto fundamento, qual era o da anterior separação da torre.

«Em 1514 quem se encaminhasse á rua de Sub-Ripas, chamada mais arrasoadamente n'essa epocha, *rua de Sobre-a-Riba*, acharia tudo mui differente do que hoje vemos.

«Do lado esquerdo, principiava a rua pelos pardieiros do licenciado João Vaz. Do lado direito, não havia mais que as torres de defesa com seus respectivos lanços de muro. Mais abaixo, do mesmo lado direito e talvez desviadas para a parte da porta d'Almedina, as casas do sr. D. Filippe, que ninguem sabe quem fosse. Em frente dos pardieiros, a torre que hoje se vê incorporada na casa que ainda então não existia. Logo acima, a torre

O PÃO DO POBRE

filho de D. Ignez de Castro, e desappareceu para sempre o direito e sympathia que o infante tivera em Portugal, onde podera ser rei mais facilmente do que o irmão, natural tambem, o Mestre de Aviz, como um pouco mais tarde se viu nas côrtes de Coimbra, donde saiu rei de Portugal esse filho de Theresa Lourenço, não sem difficuldade importante.»

. . . .

Quanto ao local onde occorreu este terrivel acontecimento, o auctor da *Monja de Cister*, não o precisa e diz: «Ou fôsse em Sobripas ou fôsse junto á ponte...»

Na chronica de Fernão Lopes diz-se que as casas de D. Maria Telles estavam n'uma estreita rua que nascia directamente da egreja de S. Bartholomeu, o que mostra que essas casas eram na cidade baixa e portanto fóra da cêrca.

Entretanto Fernão Lopes não foi contemporaneo d'aquelle acontecimento, e é pouco de presumir que D. Maria Telles, mulher de um principe, ainda que a occultas, vivesse em umas simples casas mal guardadas.

Não se infira d'aqui que a casa de D. Maria Telles fôsse a actual casa de Sub-Ripas, de construcção manuelina e portanto muito posterior ao assassinato da esposa do Infante D. João, mas bem

que era do prior do Ameal e que hoje tambem subsiste com algumas de suas velhas janellas ogivaes. Mais acima, no logar onde vêmos o edificio do Collegio Novo, prolongava-se a muralha com suas torres, contorneando do poente para o norte a cidade até á *porta nova*, que depois se chamou do *Collegio Novo*.

«Tornando-se desnecessarias as muralhas por ter findado a epocha bellicosa da edade-media, já então começavam a edificar sobre ellas, de modo que em 1552 a camara cedeu ao mosteiro de Santa Cruz para o edificio do collegio novo ou da Sapiencia um pedaço de chão á porta nova com seu muro e barbacã e o dominio directo das suas torres e muros aforados ao licenciado João Vaz, a Gonçalo de Rezende e a Simão Affonso desde a torre do collegio de Jesus até abaixo das casas do mesmo Simão.

«D'onde se deprehende que o licenciado João Vaz tinha o particular gosto de adquirir muros e torres por aquelles sitios; que, alem da que lhe doara Bastião Gonçalves, aforara provavelmente a do prior do Ameal, que ainda hoje se conserva de pé e pertence ao mesmo proprietario, e outras que se seguiam para o norte, as quaes foram demolidas para em seu logar se edificar o Collegio Novo.

«Depois do anno de 1514, construiu-se na torre que fôra de Bastião Gonçalves e sobre a muralha e terrenos adjacentes a casa apalaçada, cuja porta a photographia representa. Tanto a porta como as janellas do primeiro andar são de pedra graciosamente lavrada n'aquelle estylo que sómente se usou em Portugal no reinado de D. Manuel e que lhe herdou o nome. As do segundo andar são mais simples, porém ainda do seculo XVI, parecendo indicar que os dois andares foram construidos em epochas differentes, o que tambem faz provavel a côr diversa das paredes de certa altura para cima, tanto do lado da rua, como da parte opposta.

«Vivendo, como vimos, em 1552 o licenciado João Vaz, e, achando-se na casa em que se transformaram os seus pardieiros as datas de 1542 e 1547 na parede da rua, e em certa janella do pateo, concluiremos com alguma probabilidade que:

«1.º — O primeiro andar da casa construida na torre e junto d'ella remonta ao reinado de D. Manuel.

«2.º — O segundo andar da mesma casa, o passadiço, todo elle, ou pelo menos o andar superior, e a casa fronteira, onde eram os pardieiros do licenciado, foram construidos no reinado de D. João III.

«Em todas estas construcções, nas paredes exteriores e interiores, estão embutidos numerosos medalhões, representando figuras de damas e guerreiros e santos em meio corpo e em baixo relevo. No pateo da casa onde foram os pardieiros vê-se n'um d'estes medalhões o rei David tocando harpa. Outro representa Dido, outro uma mulher com o nome de Martha.

«Servem de ante-peitos a algumas janellas d'esta casa, pedras lavradas com emblemas, como é, por exemplo, um lagarto ou salamandra, parecendo que as janellas foram accommodadas ás pedras e não as pedras ás janellas.

«Cremos que os medalhões e tantos outros fragmentos de esculptura não seriam lavrados de proposito para ornar sem ordem alguma as paredes, porém que, tirados de algum antigo edificio, por esse tempo demolido, os aproveitariam para arrebicar de modo tão irregular como insolito as paredes das duas casas e do passadiço.

«Abundam por entre os outros fragmentos varias misulas introduzidas nas paredes e muitas cruzes de Christo. Viriam tambem de outra parte estas pedras?

«Se tivesse havido em Coimbra uma casa da ordem de Christo, anterior ao collegio de Thomar edificado em tempo de el-rei D. João III, diriamos que demolida tal casa, d'ahi se transportariam as pedras esculpidas para a rua de Sub-Ripas. Não, ha, porém, memoria que auctorise similhante supposição.

«Assim, temos por inigma atualmente indecifravel esta singularidade das casas do licenciado João Vaz, que tambem com a torre das janellas ogivaes, vieram a pertencer, não sabemos em que tempo, aos srs. Perestrellos, em cujo cartorio se guardam os documentos publicados no *Conimbricense*, em outubro de 1871.»

R.

A ALLEMANHA MILITAR

APONTAMENTOS D'UM OFFICIAL NORTE-AMERICANO

Uma tarde, em Berlim, veio jantar comigo o capitão Zinnowitz. Convidára-o com especial intenção, desejava facultar-lhe ensejo de encontrar-se com o nosso artista, o Remington, e para ali ficámos todos, até alta noite, a conversar ácerca dos muitos encargos que sobre elle pesavam, na sua qualidade de official do exercito prussiano.

Constava-me que, por varias vezes, estivéra na Polonia russa, operando em proveito do seu governo, e n'essa conformidade, fui puxando conversa no sentido de me inteirar dos meios que mais efficazmente empregára afim de sahir-se bem de tarefa tão delicada.

— «Eu», declarou o nosso commensal, «sempre que vou á Polonia, deixo immediatamente de ser official; penteio o cabello de diverso módo, e fico apenas sendo o senhor fulano de tal, engenheiro hydraulico, que procura trabalho. Escusádo será dizer-lhes que, a cautella, deixo o meu endereço em uma cidadesinha provincial allemã, da qual recebo toda a minha correspondencia, e onde tenho um amigo de confiança, prompto sempre a responder a quaesquer perguntas relativas ás minhas occupações e identidade respectiva, dado o caso de que a policia secréta russa se lembrasse de fazer pesquizas a meu respeito. O anno passado, as instrucções que recebi foram o relatar ácerca d'uma linha de caminho de ferro, em projecto, n'uma determinada região da Polonia, e n'esse intuito, apalavrei um judeu para me servir de pilôto. Percorremos juntos uma parte do caminho, até que o homem me declarou ter lobrigado em um dos wagons dois policias, que nos vinham evidentemente no rásto, e que, portanto, não passaria d'ali. Segui jornáda sósinho, e, na estação immediata, saltei para a estrada pelo lado opposto á *gare*, e o mais longe que pude da mesma, embrenhando-me no matto. Teria andado meia duzia de passos, eis-que me alcançam os dois policias, e exigem saber o destino que lévo. Conforme dévem suppôr, tive que inventar uma historia plausivel, e portanto, observei-lhes que ia a uma compra de madeira, e n'esse sentido desejava passar revista ás mattas, n'aquellas immediações. A isto, responde-me um d'elles que por aquelles sitios não existiam mattas, e muito mênos na direcção que eu levava, e que tinha de os acompanhar á estação policial. Insisti, protestando que fôra informado que ali perto estavam empilhádos importantes lôtes de madeira, e o facto é que a sobredita madeira fôra cortada com destino ao tal caminho de ferro sobre que devia versar o meu relatório. Admittiam os policias russos — com magua satisfação da minha parte — a verdade do facto, afirmavam, porem, que deviam levar-me ao respectivo commissariado, em qualquer caso, afim de ser ali submettido a exame, por formalidade, quando por mais não fosse. Lá fômos calcuriando, pois, todos juntos, e o certo é que os policias carregaram comigo, nem mais nem menos do que para um fortim dentro do qual eu nem sequer sonhava pôr jámais o pé, visto como fôra feito de novo, e andava guardado com especialissimo ciume — fortim ácerca do qual o meu governo estava aliás ancioso por haver circumstanciadas informações.

A' medida que iamos caminhando, redobráva, porém, o meu embaraço com respeito ao módo por que conseguiria desfazer-me dos meus apontamentos secretos, pois, dado o caso que me incontrassem fôsse o que fôsse d'esse teôr, era uma vez — inforcavam-me, n'um abrir e fechar d'olhos. Para conseguir o fim desejado puxei por charutos, offereci-os aos meus esbirros, acceitáram-os de assaz má vontade, mas não os accendêram.

Quando accendi o meu, conjunctamente deitei fogo a um embrulhinho de papel em que rabiscára minhas annotações, que eu lográra esconder disfarçadamente na palma da mão, e que a chama do phosphoro consumiu ao mesmo tempo que acendia o charuto. Fui deixando apagar o charuto por vezes successivas, a fim de me ver pouco a pouco livre dos apontamentos que comigo trazia, e mal pude conter um suspiro de allivio quando vi arder o ultimo. Assim que chegámos á fortaleza, leváram-me á presença do commandante, e fui submettido a minuciosas investigações; quero dizer, esquadrinharam minha pessoa da cabeça aos pés, até se convencerem de que não trazia escondido o minimo bocadinho de papel. Depois tiráram copia do meu passaporte e deixaram-me ir na boa paz. Intimaram-me a que voltasse pelo mesmo caminho, graças, porém, á energia da minha linguagem, logrei convencel-os a que me deixassem seguir caminho até á proxima villa, e d'este modo consegui atravessar na sua extensão total as obras do forte, e ficar habilitado a informar com respeito ás dimensões do mesmo.

De volta ao paiz, apoz mais alguns episodios do mesmo genero, o meu governo deu-me a entender que não se lhe daria de possuir indicações mais desenvolvidas relativamente á construcção interior d'esta obra defensiva, e para o anno, se nos virmos, dir-lhe-hei o que souber.»

Nem eu nem o Remington o tornámos a ver. Contava as suas aventuras com a despreoccupação como que nos teria narrado qualquer episodio de caça ou de corridas, e achava tão natural o andar arriscado a que o dependurassem, para ahi, qualquer dia n'uma forca como acharia o vestir o uniforme para uma parada!

Mêzes depois d'este nosso jantar intimo, jantei com outro typo interessante, um cirurgião militar muito moço ainda, como quem, tempos havia, mantinha estreitas relações. Pareceu-me tristonho, reluctante, a principio, em satisfazer ás minhas perguntas, resolveu-se, porém, finalmente, e respondeu-me o seguinte:

— Cheguei ha pouco, de Thorn, fortaleza prussiana que domina o Vistula, junto á fronteira russa. Hontem, por estas horas, apertava eu entre as minhas a mão de um homem que morreu quasi em estado de delirio. Arrastára-se até á fronteira, transportando-a com immensa difficuldade, visto achar-se mortalmente enfermo, e trouxeram-n'o, rio abaixo, embarcado, para o hospital da sobredita fortaleza. Manifestou um nome que não se encontra nos registos do exercito e expirou sem que lograssemos verificar-lhe a identidade. As auctoridades, ao que presumo, estarão talvez já de posse das desejadas informações; eu, porém, vime obrigado a abandonal-o, assim que falleceu. Na vespera do seu passamento, á noite, conseguiu, com enorme esforço, dar-me a saber o seguinte: Era official do exercito prussiano, disfarçado em camponez da Lithuania, procurára trabalho nas proximidades d'uma fortaleza poláca.

N'este intuito, houve de assumir aspecto esqualido e andrajoso tal qual o dos campónios com que lidava, de tornar grosseiras tanto as mãos como as feições do rosto, a fim de não acordar suspeitas nos seus patrões. Viveu na choça de um camponez, até que conseguiu que o occupassem em acarretar lenha para a fortaleza. Passo a passo, logrou alcançar as informações que desejava, já medindo distancias, já *de visu* e por experiencia propria ou interrogando arteiramente os companheiros. A exhaustão nervosa, que de labutação a tal ponto fatigante lhe resultou — serviço braçal de manhã até á noite, e em seguida, trabalhos scientificos até madrugada, e ainda por cima, o receio constante de ser descoberto — concorreram a produzir um estado moral e physico que veio a rematar em febre intensa e de mau caracter.

Eram preciosos em demasia os seus apontamentos para que os abandonasse, determinou, por tanto, custasse o que custasse, alcançar a Allemanha antes de espirar. Conseguiu, á risca, o fim proposto.

A repartição prussiana de informações secretas, pelo menos, acha se cabalmente inteirada ácerca de um determinado ponto, e é mais um official que succumbe com a consciencia tranquilla e satisfeito por ter cumprido o seu dever.»

Esta anedoctasinha é uma d'entre as mil que illucidam as difficuldades inherentes á manutenção d'esse conjuncto, considerado pelos allemães como a sua repartição de informações secretas, ou seja, o grande estado maior do seu exercito. Todo o official allemão sabe que, se desejar obter licença de seis mezes, ser-lhe-ha concedida sempre que garanta aos seus superiores que tenciona empregar o seu tempo, não em buscar divertimentos, mas sim em colligir informações que aproveitem ao seu paiz; pode, por exemplo, desejar aprender mais uma lingua, elaborar um relatorio sobre qualquer esquipamento especial privativo a qualquer nação estrangeira, estudar a creação de cavallos, etc. Seja o que fôr, investigações em todos os sentidos, encontram animação por parte do governo, comtanto que directa ou indirectamente se reportem á efficacia do serviço.

*

Afim de illustrar a sollicitude de que o soldado é objecto no exercito allemão, mencionarei aqui o que se dá com o calçado. Existe em Berlim, em sitio aliás um tanto fóra de mão, um museu official inteiramente dedicado á hygiene.

Estava á testa de tão excellente instituição o famigerado professor Koch, a ultima vez que alli estive de visita.

Mereceu-me especial interesse entre os objectos exhibidos uma collecção de botas e sapatos, acompanhados os especimens todos de dizeres

explanando os predicados relativos de cada um d'elles, durante as marchas.

Os que até alli melhor tinham satisfeito ás condições desejadas eram muito largos na fren- te; tão largos, effectivamente, que o pé dir-se- hia não encontrar ampáro a não ser na sólla, dis- posição esta que facultava á expansão dos óssos o maximo espaço possivel. Para substituir as piu- gas, era preconisado, acima de outro qualquer expediente, um trapo de lã, cortado em quadrado e dobrado sobre o pé segundo o alvitre de cada um. A maior vantagem que o tal trapo de lã leva á piuga consiste no seguinte: em quanto esta tende a romper-se, a abrir buracos, já no dêdo grande, já no calcanhar, o trapo, removido pelo soldado sempre que descalça a bota, recébe por este facto fricção egual em toda a extensão da superficie. O trapo láva-se com muito maior facilidade. sécca com mais rapidez do que a piú- ga, é mais facil de accommodar na mochila, e, pelo lado economico, apresenta ainda vantagens em seu favor.

Com o tal involucro de lã e o cuidado na es- colha das botas e dos sapatos, tanto se tem con- seguido melhorar o calçado militar, que no exer- cito corre como axioma o representarem quaes- quer impedimentos, que se levantem com respei- to ao mau estado dos pés do soldado, desleixo tão sómente. por parte do mesmo. Duas coisas ha que o official allemão não perdoa nem póde perdoar — a primeira é uma espingarda em ruins condições, a segunda, um pé maltratado. Se qual- quer d'estes contras se apresenta, quer em mar- cha, quer durante as manóbras, o soldado é des- de logo castigado, com mais ou menos dias de calaboiço, e não se lhe admittem descuipas.

Não me recordo, durante as diversas manóbras a que assisti, de ter visto meia duzia de praças, estropiadas no decurso de um longo dia de fáina aturada, e no entanto, essas marchas forçadas constituem feição proeminente nas operações de de campanha, e tem por fim principal o submet- ter a próvas a resistencia quer dos officiaes quer dos soldados. O segredo de tão uniforme excel- lencia, no que respeita a capacidade de realisar longas marchas, encontra-se no ensino devida- mente encaminhado.

Os recrutas, ao dár entráda na respéctiva com- panhia, no mez de outubro, as primeiras coisas que lhes incutem no bestunto são a importancia da escopêta e do sapáto. Todo o cuidado é pou- co em fornecêr ao soldado, desde o primeiro dia, calçado commodo, e exige-se-lhe que olhe por elle com o mesmo interesse que dedicaria a um chronometro.

Desde que chega a primavéra, e o chão está limpo de néve. principiam as marchas, que são reguladas com a severidade e a minúcia que obsérvam os recrutas no exercicio, sobre as vis- tas do instructor.

As praças marcham cada dia para ahi meia milha mais do que na vespera; cada dia vão car- regando com mais uma ou duas onças de pêso; dia a dia se regista pontualmente a velocidade que pudéram aguentar: n'uma palavra, o bolle- tim da marcha de uma companhia, até o fim do verão, época em que as evoluções abrangem gran- des distancias, é redigido com a minucia que se observaria tratando-se de qualquer serviço de instrucção na paráda do quartel.

O soldado allemão é educádo e adestrádo para combater, e o impossibilitar-se uma qualquer práça antes de entrar em fôgo, considéra-se ta- manho desastre como se cahira ferido pelas ba- las do inimigo. A arte da guerra, conforme é exercida na Allemanha, representa, principalmen- te, a arte de «chegar primeiro,» e o general que no momento critico consegue collocar-se em po- sição mais vantajosa, póde dizer-se que venceu a batalha.

A marcha das tropas allemãs é devéras ex- traordinaria, devido não tanto á resistencia indi- vidual do soldado, da companhia ou do regimen- to, como á circumstancia do commandante em chefe poder confiar em qne todos os elementos sob o seu commando realisarão média elevadis- sima de trabalho collectivo, que cada individuo, pela sua parte, fará tanto, virtualmente, como ou- tro qualquer.

Isso a que no exercito allemão chamam vul- garmente «a ração de ferro» constitue por si só, uma instituição á qual attribuem alli maxima im- portancia.

E' o mantimento de bôcca do soldado, em es- tado de consérva, e acondicionado em receptacu- lo que se não ábre excepto em caso de extrema necessidade; tal como, por exemplo, em marcha forçada antecedente a uma batalha. Em épocas normaes vale se das requisições, das forragens, e arranja-se conforme póde, comtanto que não ha de tocar na «ração de ferro,» seja qual fôr o estado de cansaço e de inanição em que se encontre, ao cabo de um dia de marcha.

A preparação da ração de ferro tem sido em Allemanha objecto de aturadas investigações chimicas, ate que se logrou attingir o artigo em que se acha concentrada a maior sómma de nutrição, sob a forma mais duradoira. As officinas em que preparam a tal ração, são vedadas ao publico, comquanto eu esteja persuadido de que os francêzes possuem a tal respeito amplas informações.

(Continúa). *Pin-Sél.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO I

XII

PONTO D'INTERROGAÇÃO

— Porque me amas? perguntei um dia a Violante.

— Amo-te, porque te não conheço. Todos os dias me ensinas alguma coisa nova. Perde-se o meu coração no teu sem saber de si. Até agora Antonio e os outros diziam me só o que eu bem sabia. As mulheres são curiosas diz-se, eu mais que todas as mulheres. Quando era pequenina, um pastor lá da serra, que fôra soldado em novo, contava-me mil e uma historias. Ahi está porque tenho tanta fantasia. Parece-me que vivi em todos esses contos. Quanto mais incriveis, tanto mais me encantavam. Assim que voltei a Veneza, li romances; o proprio romance de Veneza fazia-me febre. Bem fizeste em vir, para me dares uma vida impossivel. Aqui morreria de tedio.

Depois emendava:

— E d'ahi talvez não. Talvez me resignasse á felicidade. O meu espirito pairaria nas chimeras, mas o corpo e o coração aprisionava-os eu no casamento. Antonio é formoso, dar-me-hia uma ninhada de filhos como elle formosos, formosos como eu. Vieste e sobre tudo isto sopraste. Faze que eu nunca tenha pena de te haver amado, porque havia de vingar me.

E abraçando-me, murmurou:

— Contra mim mesmo me vingaria.

Mas então não acreditava eu uma só palavra do que ella palrava em sua encantadora tonteira. Era, além d'isso, um verdadeiro encanto ouvil-a em seu falar meio italiano meio francez, servindo-se apenas do veneziano, quando queria exprimir a paixão mais doce ou fortemente. Tinha ditos imprevistos que me espantavam, máo grado o eu ter ouvido os homens de maior espirito. Sem querer, sem saber como, abria horizontes radiantes na conversação, tão imprevista era e original. Dizia ella que me não conhecia; confesso que nunca a conheci bem.

Mas como eu a adorava, como a adoro ainda hoje! Que prazer estreital-a suavemente, violentamente, de lhe penetrar na alma pelos olhos, de respirar-lhe a mocidade nos braços lindos, no pescoço delicioso!

E sempre lhe perguntava porque gostava de mim.

— Não sei; se o soubesse, talvez já não gostasse!

XIII

LUA DE MEL

Foram de verdadeira lua de mel os dias que passei no Albergo della Luna. Como sabem este fica ao mesmo tempo sobre o grande canal e junto á praça de S. Marcos. Não fugira para muito longe para esconder Violante. Disse-me ella que não tornaria a sahir em Veneza para não arrostar contra o tio e seus amigos d'elle. Sentia não ter dado um beijo aos discipulos, mas dedicava-se toda ao seu amor. Era um ponto de interrogação continuado sobre Paris, a minha mocidade, a minha familia. A orgulhosa bisneta dos Foscari saltou de contentamento quando viu o meu brazão.

— Eu tambem... disse-me ella beijando-me.

E mostrou-me o pé. Não lhes disse já que ella possuia o mais lindo pé do mundo, pequenino, altivo, arqueado, provocador, maravilha digna do marmore?

— Vês? Este pé marcou a pégada no palacio ducal.

Almoçavamos e jantavamos no quarto, um paraizo horrivelmente colorido de pintura á tempera por fazedores de arabescos, que nunca haviam entrado na escola de Giorgione. Por desgraça, havia mosquitos no paraizo, que nos lembravam, que ainda não eramos no setimo céo. Mas melhor eramos que no setimo céo; estavamos na terra, e creio que, decididamente, se já estivessemos para além das nuvens, não se nos daria de voltar por uma temporada ao Albergo della Luna com uma linda mulher como Violante.

Não sei dizer-lhes com que delicia afogava os meus olhos nos d'ella, meus labios sem seus cabellos. Talvez cuidem que era a voluptuosidade da paixão. Não, não; sentia me melhorar ao pé d'aquella rapariga adoravel, que tinha todas as sorridentes castidades e a verdadeira candura. Desejaria poder eternisar os primeiros engodos do amor.

Só a deixava para ir ao hotel Danieli, onde conservava o meu quarto e a sala. Era lá que eu recebia as minhas cartas e telegrammas. Como não queria fugir de Antonio, preveni o dono do hotel para que dissesse ao gondoleiro, caso este se apresentasse, que eu era certo em casa ao meio dia. Para pôr Violante ao abrigo de qualquer tentativo mais ou menos prevista de sua familia ou de Antonio, prevenira o consul de França, amigo de meu pae, e que meu amigo se mostrara desde a minha chegada a Veneza.

Quanto mais a via tanto mais Violante me parecia formosa. Agora que não trabalhava completava-se-lhe a belleza. Mais e mais se pronunciava seu lindo ar. Tinha uma das sobrancelhas cortada; resultado d'uma queda sobre o gume de uma pedra, o que lhe afeava um pouco o rosto, modêlo de harmonia. Logo no primeiro dia da nossa voluntaria prisão, divertira-me a passar uma rolha queimada sobre a pequenina calva. «Bem sei, disse ella. Antonio, como eu era, achava-me bonita quanto bastava; mas agora é preciso que o seja ainda mais.»

Nunca mais deixou de pintar a sobrancelha. Dei-lhe todos os preparos de uma mulher da moda: lapis, caixa de pós, carmin e os mais accessorios.

— Aqui tens, disse-lhe. E' para os dias de chuva.

— Para os dias de chuva!... disse ella alegremente. Nunca mais chove!

Beijei-a pelo dito. O rosto d'ella era um resplandor!

— Cresce-me a agua na bocca, dizia Baccarat, interrompendo Paulo de Hauteroche.

E tocou para que lhe gelassem uma garrafa de champagne, porque Baccarat tinha sempre sede.

Os mais ouvintes contentaram-se com acender uns cigarros e molhar os beiços em fine-champagne.

XIV

A MADONA

Andava um pouco espantado, embora encantado tambem, pela revira-volta de Violante. Como pudera ella tão victoriosamente desligar-se de aquelle primeiro namôro, que suppunha um amor verdadeiro? Se construira com Antonio o venturoso futuro, como tão alegremente demolia o fragil castello? Quem saberia se o amor que me tinha não havia de cahir assim de repente no abismo das coisas? Seria uma paixão apenas d'horas, paixão sem raizes fundas?

Mas como assim estava reflectindo, depararam-se-me lagrimas nos olhos d'ella.

— Choras, Violante?

— Sim, choro, porque me desconheço, porque esmaguei o coração d'um pobre rapaz que não poderá viver sem mim. Que me fizeste para assim me enfeitiçares? Prendeste-me em teu amor, quebraste-me a vontade, tanto me mudaste que já me não conheço! Ouve, Paulo...

Deitou-se-me aos joelhos, com os cabellos soltos. Obriguei-a a levantar-se, a encostar-se ao meu peito.

— Eu é que devo pôr-me a teus pés, porque és a mais adoravel das mulheres.

— Ouve, Paulo, não queiras a infelicidade de todos ou dá cabo de mim desde já com um punhal. Jura-me que eu entro na tua vida para n'ella ficar para sempre. Jura-me que hei de ser a tua amante e que hei de ser tua mulher.

Fosse qual fosse o meu amor, achei demasiado o pedido de Violante. Como não lhe respondi de prompto, soltou-se-me dos braços e correu para a porta.

— Adeus, disse-me, acabaste comigo! Adeus!

Seu rosto ennuviou-se, exprimindo uma grandeza tragica. Tive medo e deitei-lhe mão no limiar da porta.

— Juro-te! disse commovido.

Mostrou-me uma virgemsinha d'oiro de Veneza.

— Vês? Juraste sobre a madona!

Não sou lá muito catholico; não tinha muito que acreditar no meu juramento; entretanto custava-me tel-o feito sobre a imagem da rainha dos céos.

Violante logo percebeu que ainda existia na minha alma alguma duvida.

— Escuta, meu Paulo, não te pedi que jurasses por brincadeira. Não o faças para commetteres um perjurio. Não falas com uma criança. Tudo deixei por ti sem um volver d'olhos atraz. Se não tens coragem de me quereres para me conservares, desligo-te já do juramento. Antes morrer agora do que morrer mil vezes.

Violante possuia a verdadeira eloquencia do coração; cada palavra lá ia direita. O meu amor luctava com a razão, a razão luctava com o meu amor. Dizia comigo: — Comigo levo a alegria, mas levo a pena comigo.

Bastante conhecia eu os dias seguintes á paixão para não descrer da eternidade do meu amor a Violante. Em Paris havia deixado o orgulho e a ambição que me esperavam á minha volta. Cada qual deve-se ao proprio nome, ao dever, á nação. Não me seria Violante estorvo em tudo? Mas, por outro lado, como deixar a presa pela sombra? Como expulsar da vida o que n'ella nos é luz e alegria? A sã razão ordenava-me que casasse em Veneza com Violante, á capucha Ella merecia-o e tal fazer seria digno de mim. Voltaria comigo para Paris, madame Paul de Hauteroche. Quem me não daria razão, vendo-a tão bella, altiva, nobre e digna? Não somos homens, somos apenas caçadores de dotes ou Lovelaces. Não ha meio termo: em França começamos por comprar mulheres, até que um dia são ellas que nos compram. O dote das mulheres começamos por dalo-ás cocottes. Todos estes pensamentos me atravessaram rapidos o espirito, e tanto que por instantes demorei meu segundo juramento. Mas, como Violante fizesse novo gesto para fugir, disse-lhe, cheio de paixão:

— Juro! Juro! Juro!

— Deus seja louvado! exclamou ella beijando-me. Por mim juro-te que não ha franceza que te dê um coração como este meu. E agora dispõe de mim, sou tua mulher, tua amante, tua serva, tua escrava!

(Continúa).

NECROLOGIA

GENERAL CONDE DE CAPRIVI

Os telegrammas annunciaram no dia 7 do corrente a morte, em Berlim, do general conde de Caprivi, successor de Bismarck na chanceleria do imperio germanico.

O general conde de Caprivi, Jorge Leão de Caprivi e Montieuculli, nasceu em Berlim a 24 de fevereiro de 1831 e, em 1849, assentou praça no regimento de granadeiros de Guardia de Francisco José, tendo feito os primeiros estudos no collegio de Werder.

O general de Caprivi distinguiu se tanto nos campos de batalha, como nos trabalhos de gabinete. Em 1870 já tinha feito a guerra da Bohemia, quando entrou na campanha contra a França, no posto de tenente coronel, sob as ordens do general Voigth-Rhetz.

N'esta campanha distinguiu-se sobre modo pelo seu valor e tatica militar.

Depois da campanha Caprivi foi nomeado chefe de uma das secções do ministerio da guerra, tendo o posto de coronel aggregado ao corpo de Estado-maior.

São importantes os seus estudos sobre artilheria.

Em 1876 foi nomeado para assistir ás manobras do exercito russo, e em 1881 para assistir ás manobras do exercito francez.

Em 1882 entrou para a pasta da marinha, pela sahida do general Storch, e a sua passagem por este ministerio foi notavel pela mobilisação que deu á armada e desenvolvimento de estudos sobre tropedeiros.

Quando Bismarck deu a sua demissão de chanceller do imperio, em 1890, o imperador Guilherme III escolheu Caprivi para succeder ao chanceller de ferro.

GENERAL CONDE DE CAPRIVI

FALLECIDO NO DIA 7 DO CORRENTE

As tendencias conciliadoras e pacificas de Caprivi, manifestaram-se largamente durante o seu governo, parecendo que a elle se deve o ter evitado uma nova guerra que a muitos pareceu eminente.

De Caprivi deixou a chancelleria do imperio, em 1894, sendo substituido pelo principe de Hohenlohe.

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Rivista politica e letteraria. — *Anno terzo. — Volume VI. — 1899.*

Esta importantissima revista romana, que já por outras vezes temos mencionado com o devido louvor, pela excellencia dos seus artigos e primor da sua parte material, vae alargando dia a dia a sua esphera de assumptos, tendo agora estabelecido, como em appendice, uma curiosa secção de *sport*, em que no numero relativo a *fevereiro* presente, vimos reproduzido o edificio do *Real Velo Club* de Lisboa, como uma das mais importantes sociedades cyclistas de Portugal.

Iride. — *Rivista d'Arte. — Direttore: Avv. G. Courado, Spezia.*

Esta encantadora revista italiana tem-n'os dedicado algumas palavras de affectuosa sympathia que muito nos captivam e cordealmente agradecemos.

No seu ultimo numero insere varios artigos importantes e dignos do muito apreço com que sempre são lidos.

A Aurora do Cavado. — *Lisboa. — Nova Serie, n.º 1 — 5 de fevereiro de 1899. 32 anno.*

Este antigo e conceituadissimo periodico, de que é director o nosso esclarecido biographo e bibliophilo sr. Rodrigo Vellozo, ao presente na capital, onde pessoalmente tem recebido o justo tributo do muito apreço que todos os que mourejam nas lettras lhe dedicam, acaba de encetar uma nova serie de publicação, em ar de revista, com o que muito folgamos.

No seu artigo principal faz-se a historia do antigo periodico de Barcellos e presta-se homenagem aos brilhantes escriptores que o honraram com a sua collaboração durante 31 annos.

O alludido artigo termina por estas palavras de explicação que muito nos apraz consignar, por vermos de novo na arena da nossa imprensa tão estimado collega:

«Revive hoje, em Lisboa, de suas cinzas, ainda mal apagadas, a *Aurora do Cavado* em nova serie, mais como satisfação de uma saudade de tantos annos de convivencia, do que como uma necessidade do nosso meio litterario, que por modo algum o é, e jámais em sua natural e bem comprehendida modestia aspirou ella a ser mais do que feriamento e deleite para mim, como já dito, dos trabalhos ordinarios e mais graves da existencia.

«Tendo-o sido assim no passado é o que continuará a ser no futuro que lhe esteja reservado, não mudando quasi de habitos, apezar de tornada, por sua mudança de situação, de simples provinciana em incola da côrte.

«Consagrar-se-ha especialmente á biographia, sem que por isso deixe, em uma ou outra vez, de vogar por qualquer dos outros ramos da litteratura».